

# O COLLEGIAL

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano I

Florianópolis, Outubro 1945

N. 8



50 anos de vida religiosa na Companhia de Jesus  
25 anos de magistério exercido no Colégio Catarinense  
Ao Rev. Padre João Batista Buerckler efusivos parabéns!

## FALA O II<sup>o</sup> ANO A

Comemoramos no dia 1<sup>o</sup> de outubro mais um aniversário do R. P. João na Companhia de Jesus. Faz neste dia 50 anos que este bom padre entrou no Exército de Cristo. Esforçado, como todos o vêm, já com idade avançada, ainda continua a trabalhar na Obra do Senhor. Vemos os esforços que faz na aula, formando os alunos de hoje, homens de amanhã. Podemos notar seu insigne espírito missionário e apostólico. Pois todos os quase 25 anos que neste Colégio está, tem-se esforçado muitíssimo pelas missões.

São 50 anos, meio século, que este homem abandonou a casa paterna, para dedicar-se ao serviço de Deus. Deixou seus pais tão longe, lá na Suíça, para dedicar-se ao trabalho da salvação das almas. Nós, que somos católicos, bem compreendemos os sacrifícios do sacerdote. Foi a eles que Cristo deu o poder de transformarem o pão no Seu corpo e o vinho no Seu sangue, são eles os encarregados

## Jubileu de Ouro e de Prata

de transformarem a nós mesmos no Seu corpo místico.

Peçamos, pois, a Deus que o nosso bom P. João tenha muitos anos ainda de existência, para trabalhar nesta Obra do Senhor!

Cássio Pinto da Luz, 2. Gin. A.

Muitas vezes temos sentido a vontade de vivermos longos anos nesta terra. Apreciamos hoje um exemplo desta parte da bondade Divina. Completa 50 anos de fidelidade na Companhia de Jesus o nosso querido P. João.

É ele uma das figuras, sem receio de exagero, mais venerandas no Corpo Docente deste Colégio. Todos nós somos seus devedores. Sentimos os corações a palpitar alegremente por presenciarmos tal

data: o Jubileu de Ouro do grande Jesuíta! Não podemos negar o nosso apóio, já que acompanhamos de tão perto sua obra. Em aula estimamo-lo por causa do interesse que dedica a todos nós, e ainda pelo zelo missionário de que Deus o dotou especificamente. O venerando sacerdote é amigo dos jovens, proporcionando-lhes os mais assinalados conselhos. É amado por todos que o conhecem, e que assim lhe pagam a dívida de gratidão.

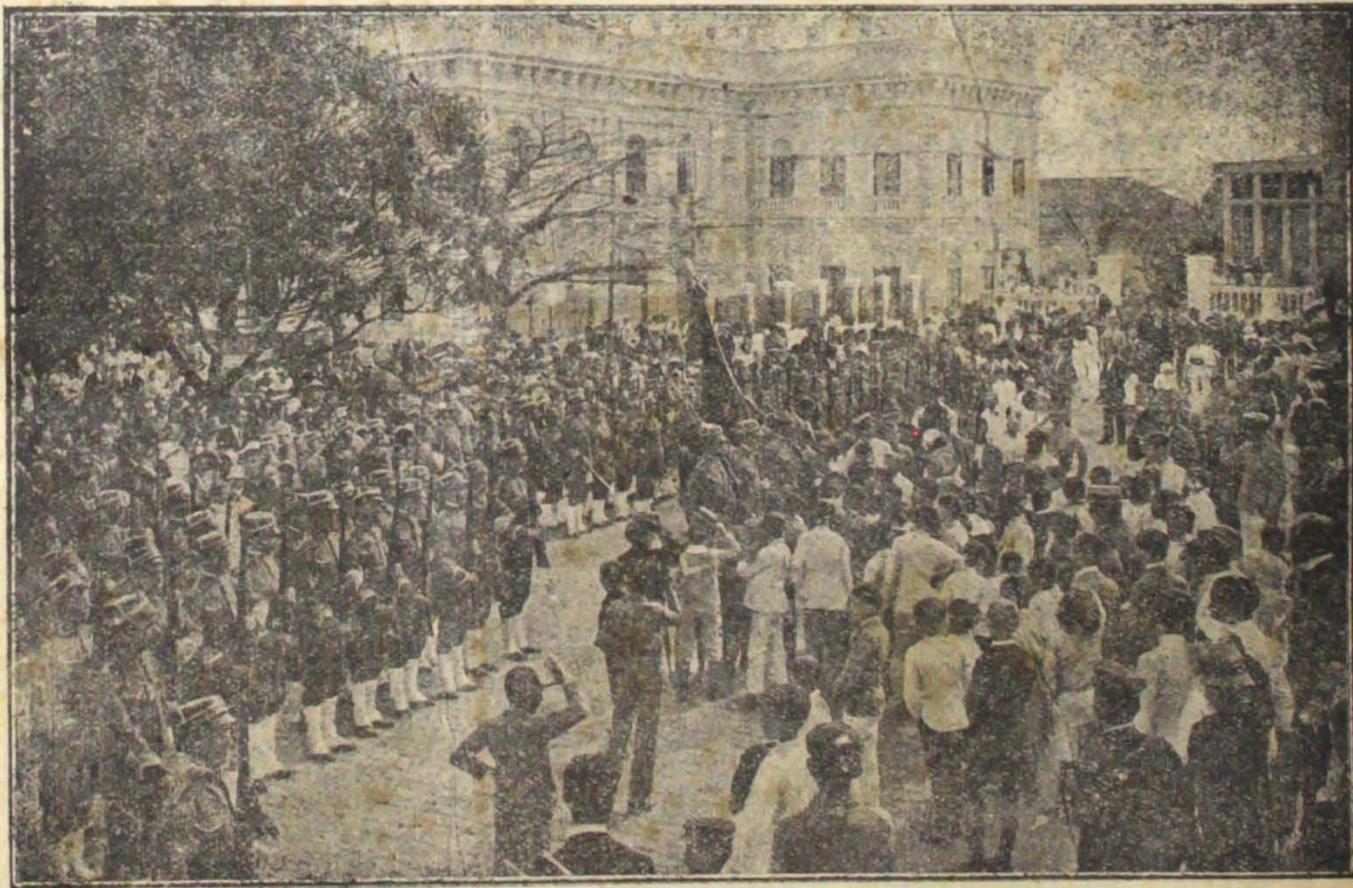
Quisera eu saber, já agora, lidar melhor com a nossa língua para exteriorizar clara e precisamente toda a gratidão que nos vai n'alma! Necessário não é dizer que o P. João, a ilustre personagem que festejamos hoje, não é só nosso insigne benfeitor, é um religioso de

destaque, pelos sacrifícios generosos e pacientes.

Mas como me envergonho agora... Lembro-me de suas boas maneiras, de seus bons tratos, de seus bons conselhos, e deveria-me lembrar da maneira como nós às vezes correspondemos mal. Assim vejo-me na obrigação, que agora é grata, de pedir desculpa.

Alunos, colegas, irmãos e Superiores do P. João, levantemos nossos corações e recolhemo-nos para uma prece fervorosa a Deus, para que aquele Pai premeie o nosso bom P. João, como ele o merece, e que se repita esta data ainda muitas vezes para o nosso bem e o de muitos outros, que virão atrás de nós!

Florduardo Sena, 2. Ginas. A.



O batalhão do Ginásio prestando continência à Bandeira

# A FESTA DO P. DIRETOR

(D'uma carta de interno)

... Dia 21 foi o aniversário do P. Diretor, grande festa aqui no Ginásio. De manhã houve missa, celebrada pelo aniversariante, que eu e o Cid ajudamos. Todos nós oferecemos a mesma pelo P. Diretor. A capela estava cheinha de alunos externos e internos e gente de fóra. Durante o café ouviu-se lá no pátio uma banda de música e fizemos depressa para ver: era a banda da Fôrça Policial.

Em seguida houve jogos dos externos, um jogo de foot-ball formidável, uma torcida braba. Mas no meio do jogo começou uma trovoadade e em breve caiu uma chuva desgraçada; ainda continuavam a jogar e custou até o P. Nunes retirar todos do campo para se abrigarem.

Nos aproveitamos a chuva pra torneios: a Divisão dos "Marmanchos" fez o de volei, a pequena divisão fez os de bi-

tas. Ganhei um prêmio em tôdas as competições. Depois do café joguei bolinha com o "Chorão" e ganhei 23 x 6. O resto do dia passamos chupando balas, que eram "mato".

De noite houve representação do Drama: Hermenegildo. O salão estava lindamente ornamentado. Apesar da chuva houve muita gente, o salão estava repleto. Nos achamos ainda um lugarsinho no "polei-



F. Alvaro Bertoldo Braun e Dr. Arão Rebêlo, Inspetor com a 1ª Turma do Curso Complementar Pré-Jurídico — 1937

No galpão preparavam uma homenagem ao P. Diretor, que veio acompanhado do Inspetor e uma porção de gente que não conheço, mas parece que era gente grauda. Houve discursos: falava o "Miquimba" (Lourenço Mourão), o "Socó" (Joaquim Santana) e o "Galego" (Luiz Flores) recitavam poesias. O P. Diretor respondeu num discurso belíssimo e a banda tocava.

lhar, dama, moinho, botão, etc.

O almoço neste dia era tão bom como nunca e no corredor a banda a tocar. Coitadas das galinhas, mas felizmente para elas é só uma vez por ano aniversário do Diretor.

Depois do almoço repousamos um pouco e então continuou a luta: torneios e brincadeiras: juntar batatas, corridas de sacos, corridas de cos-

ro". O drama era muito bom e gostei de vêr uma vez de perto êstes Visigodos, de que o livro de História tanto fala. Eram quasi 11 horas da noite, quando caímos na cama, cansados, mas em compensação iam dormir na manhã seguinte até o sol nos despertar. Era o dia 21 de setembro um dia realmente bonito!

João Batista Rodrigues, I  
Ginas. A.

## Aniversário

No dia 14 de outubro faz anos o nosso muito estimado Inspetor

Antenor Moraes,

dd. Inspetor Federal do Curso Ginásial.

"O Colegial" apresenta suas felicitações cordiais.

Ad multos annos!

## Estímulo

"Com sinceros agradecimentos e afetuosa benção aos esforçados e inteligentes, colaboradores do "O Colegial", sempre e cada vez mais interessante" D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano. Fpolis., 29-9-45.

## ATIVIDADES DO "G. C. P. SCHRADER"

O "G. C. P. Schrader" continua apresentando tôdas as sextas-feiras, numa continuidade deveras admirável, e com grande concorrência por parte de seu corpo social, as já tão esperadas conferências.

Com apenas um mês de vida, afora as sessões ordinárias onde são apresentadas trabalhos os mais diversos, conta já nesse curto período duas sessões solenes, a primeira pela fundação da novel associação, e a posterior em comemoração à Independência da Pátria, tendo tido ambas como convidado de honra o Rev. P. Diretor.

Da autoria dos senhores membros Alcides e Nelson

Abreu, Waldir Dias, Ivo Sell, Jaime Linhares Filho e Walmir Bittencourt, trabalhos de caráter histórico, filosófico, sociológico, foram lidos, agradando plenamente à assistência. Outrossim, consignamos em especial a série de instrutivas conferências, iniciada pelo P. Fuger, sob o título de "A Questão Social no Correr dos Séculos", conferências estas que tem atraído numeroso auditório pela excelência com que têm sido proferidas pelo culto orador.

Ao Grêmio, pelo esforço demonstrado por seus sócios e pelas vitórias iniciais, votos de continua prosperidade!

O. T.

## ESTUDAI, ESTUDAI ESTUDAI!

Como todos sabem, estas são as tradicionais palavras com que o ínclito e estimado Inspetor Federal, Sr. Antenor Moraes, dá o toque de alvorada para o Curso Ginásial.

Ainda me lembro bem dos sorrisos e gracejos que fazíamos cada ano antes de entrarmos no Salão.

Só hoje, porém, quando se trata-se de "To be or not to be", compreendo, porque êle insistia naquela frase.

Tivesse eu franqueado as portas do bom-senso em vez das do humorismo, poderia agora continuar a construção do meu edifício sem recear um desmoronamento, possuiria provisões suficientes para vasculhar o labirinto do saber, e teria a certeza de mais tarde ser um cidadão mais útil do que se-rei.

Vós que agora estais começando o vosso edifício, colocai alicerces bem consistentes. São custosos, mas em compensação proporcionarão maior estabilidade, elevando-vos, talvez, à galeria dos grandes homens.

Estudantes, examinai criteriosamente as palavras do tópico, e procurai compreender; mas não só de relance ou com um "não precisa" anexo a um sorriso, mas sim, adiantando o relógio do tempo e perguntando de si para si: "Que serei eu? — Que será de minha pátria?"

Chegareis à conclusão de que as respostas estarão na maneira de interpretar a frase do Sr. Inspetor.

Amigos, vós tendes o futuro do Brasil na mão, sereis os mais responsáveis pelo destino da pátria, e ela espera por homens cultos, capazes e dignos. Portanto brasileiros: Estudai, estudai, estudai.

V. B.

## TU SABES ?

Respostas do n. 6:

1. A letra "V".
2. São Máximo.
3. Sòmente.
4. Eram concunhados.
5. O Brasil.

(Hugo Mueller, Curso Médio).

Perguntas:

1. O que é a "Primeira Internacional" ?
2. O que é a "Segunda Internacional" ?
3. O que é a "Terceira Internacional" ?
4. Quem é Plínio, o Velho ?
5. Quem é Plínio, o Moço ?

## MOSAICOS

Eram 7,10 horas quando entrei no Ginásio e encontrei o Arquibaldo, vulgo Catita, conversando com um grupo de amigos. Em certa altura alguém perguntou:

— Mas Catita, porque tu és tão vermelho ?

— Ah! isto foi quando eu tinha cinco anos: fui visitar uma fundição de aço, caí numa caldeira e quando saí, já estava desta cor... que nunca desbota...

# PROPRIEDADE

É o homem um ser racional, capaz de discernir e de julgar, de criar e de desenvolver, de pensar e de refletir, de determinar, enfim, de se impôr pela razão e pela inteligência com sua vontade indiscutidamente livre.

Filho de Deus, evoluído da matéria, da célula-mater, como o quiseram o bom senso cristão ou a vontade spenceriana, darwinista ou lamarckiana, o homem existiu desde tempos remotos.

Sólto no seio do mundo, com uma liberdade absoluta, porque ainda naturalmente irresponsável, desconhecendo talvez a si mesmo, começou a viver "acasalado", nômade, habitando cavernas, fisicamente apropriado às posições do ambiente, desprovido de manifestações intelectuais selvagem, incontido.

As excitações fisiológicas, naturais, nasceu o filho. A trindade humana, em oposição à trindade divina, que ia desprender o mundo das peias do pecado e garanti-lo na ascensão à eternidade feliz, redimindo-o, a trindade humana estava formada para a constituição da humanidade de hoje, mais requintada e identicamente sofredora, mais feliz e identicamente desgraçada.

A princípio dispersos, embrionários os conhecimentos instrospectivos, o contato com a natureza inextricável e poderosa, substancial, prolifera, o contato com os perigos e intempéries, realizou no íntimo do homem a natural propensão à unidade, à comunhão, para num todo harmônico poder construir e defender, lutar e vencer.

As famílias se reúnem em tribus. Surgem os chefes, em breve o sedentarismo, a comunidade. Só então veio o estado.

A simpatia natural, porque não dizer, o princípio divino da união criadora, sem prejuízo da liberdade humana, coerceu os homens numa situação que os colocava na estrada límpida e fulgurante da civilização e da ordem, do progresso e do bem-estar.

A massa homogênea, indisplicada, mecânica, material sucedeu a massa consciente e senhora de si. Empíricamente e fruto natural das propriedades humanas e mesológicas, o homem olhou o mundo, vitorioso, esclarecido, individualizado, unindo-se pelo espírito, pelo intelecto, pela própria razão de ser, identificado com sua própria grandeza.

Nascia a civilização. Nascia esta civilização que após ter atingido o climax espiritual, depois de ter conhecido sua finalidade, seu objetivo, tenta num pérfido impulso revolucionário regressar às lamúrias do gênese, para, numa mesma situação física e mate-

rialmente homogênea, — o homem coletivo, — iniciar o verdadeiro sentido da prosperidade, custe isso a degradação da alma, da inteligência e da liberdade pessoal, custe isso a negação do indivíduo e a negação do progresso humano sobre o milênio bruto e inconsciente. O início pretenso não é mais do que um reinício calamitoso.

Dêsse retrocesso surge a questão do direito da propriedade.

As conquistas ancestrais não são consideradas legítimas e consentaneas com a situação humana, super-civilizada. Foram eles, os nossos avós, uma corja de ladrões que adquiriram direitos que não tinham! Analisemos, pois, o direito de propriedade.

O direito só existiu depois que os homens se uniram numa sociedade organizada. A constituição da sociedade deu ao direito o direito de existir. Deu o direito de existir para salvaguardar e garantir dentro da sociedade as liberdades humanas, seus desejos e necessidades, o respeito mútuo e o mútuo entendimento para melhor viverem e sentirem. Assim, pois, os direitos do estado não emanam dele, mas da natureza humana. Só assim existem autoridades. Fruto dos membros sociais, regularizada pelos membros sociais, admitida pelos membros sociais: eis porque a organização estatal não é absoluta, com direitos absolutos. E os estados que pretendem sê-lo, fazem-no em prejuízo da liberdade humana, com o direito da força tão somente.

A propriedade, pois, não é um direito exclusivo do estado. O patrimônio do estado é constituído da união das propriedades individuais. Estas precederam àquele.

Mas eram justas estas propriedades? — a propriedade é justa, porque é inerente à natureza humana, remota, de direito natural, aceito, legítimo, inviolável.

Com efeito! São justos todos os meios indispensáveis ao indivíduo, à família, à sociedade para atingirem os seus fins, seu desenvolvimento e subsistência. O direito de propriedade para tanto é imprescindível, como provam os séculos, a história. O progresso humano é fator direto não só da liberdade como também da segurança e da comodidade. Como viver livre e progredir, onde predominam os velhacos e os mais fortes? Como cumprir o dever sagrado de educar e preservar a família, assegurando-lhe o futuro, sem o direito de adquirir e conservar a propriedade inviolável? Desfazer do homem esta preocupação é contra a sua natureza e contra a propriedade comum e social. Não haverá

# 7 DE SETEMBRO DE 1945



O Colegio Catarinense em forma

esfôrço, onde o subsídio é idêntico e o futuro garantido. Sem esfôrço esmorece a personalidade humana, morrem-lhe os meios de aperfeiçoamento. A ciência, as conquistas científicas são um amontoado de personalidades que se superpõem, queira ou não a G. P. U. Como se teria levado à prática a negação da propriedade, não fóra a personalidade extraordinária de Lenine?

A propriedade, pois, sendo um direito de justiça natural, nada mais é que a satisfação à tendência e exigência humana para alcançar o seu fim. Seu verdadeiro fundamento é o trabalho. Trabalhar é pôr em comércio o primeiro capital humano, êle próprio, sua liberdade e sua vontade.

Utilizando os direitos adquiridos pelo trabalho, temos a segunda propriedade e por isso o fruto do trabalho é ativo ao homem que ao objeto empresta algo de sua inteligência, de seus esfôrços, de seu tempo, de sua vida, de si próprio, de seu capital. O objeto

trabalhado, sendo prolongamento da personalidade humana é inviolável como ela, livre no uso, no gôzo e na disposição. A propriedade, portanto, é sagrada e um complemento da inviolabilidade pessoal. Entretanto os objetos, as causas, não são criadas pelos homens. Já existem. Com que direito deles se apossa e os vai trabalhar? Com o direito natural do primeiro ocupante. Quem não lesa direitos, não pratica injustiça. A ocupação primeira, legítima já em si, torna-se sumamente inviolável uma vez trabalhada, uma vez que a ela lhe empreste um indivíduo algo de sua personalidade, de seu trabalho.

Naturalmente legítima a propriedade é imprescindível ao progresso humano, à subsistência da família e do estado, sem prejuízo da liberdade, constitui, com o trabalho, o direito intangível, orgânico, necessário ao relativo bem-estar que nos é dado fruir nas lamúrias da realidade humana, da realidade da vida.

Nelson Abreu — 3ª Class.  
— (C. C. P. Schrader).



O INTERNATO NO DESFILE

## OBSERVANDO

## DEUS FEZ A LUZ

Ao anoitecer a chuva estira e nuvens esbranquiçadas cavalgavam rápidas para o poente, carregadas no dorso das lufadas de leste.

A noite ia estendendo o seu negro manto sobre as suaves colinas de S. Leopoldo, por sobre as matas, a cidade dos vivos, e também, sobre as pequeninas e brancas moradas dos mortos... E eu dirigia-me para a cidade dos mortos, de passo lento, por escura estrada que corta o matinho cerrado da chácara dos padres. Os gigantescos araçás levantavam seus galhos lisos e luzidios, como em prece, ao céu, e à menor aragem, estremeciam, deixando cair grossas gotas, como lágrimas...

Ia eu por vereda mil vezes trilhada; por isso apesar da escuridão, não dava passo em falso; arregalando bem os olhos, esforçava-me para vislumbrar alguma restezinha de luz que coasse do céu por entre a folhagem!

Um vagalume arrojado voador, passa rápido sobre a minha cabeça, zumbindo.

Os grilos, entocados, mal ousam entoar os seus cantos chiantes e monótonos.

Paro... afilo os sentidos para sentir de cheio a voz da natureza. Depois caminho lentamente, olhando para direita, ora para a esquerda; de repente deparo com um fenómeno insólito; um tronco de árvore a tremeluzir. Leve pavor me perpassa o corpo todo! "Que será? Algum bicho?" Silêncio sepulcral... não me mexo... e a árvore a tremeluzir, suave feéricamente! Aproximo-me cauteloso, e receioso examino de pouca distância... é deveras, realmente forte luminosidade! luz ao redor de todo o tronco!

Que seria? Apalpo com máxima cautela a misteriosa luz — nada se mexe! Só vejo o suave tremeluzir sem preceber donde.

Arranco então do facão, fiel companheiro de todas as minhas surtidas diurnas e noturnas, corto umas lascas da casca, ponho-as no chapéu e continuo rápido minha romaria noturna ao cemitério.

Com uma só Ave Maria despedi-me de meus saudosos mestres que dormem sob as frias cruces.

Em casa. Despejo sobre a mesa o conteúdo de meu chapéu, e meto-me a examinar tudo no escuro. Nada. Acendo a luz elétrica e o foco luminoso apagou a luz misteriosa.

Somente verifico na casca húmida uns funguinhos raquíticos, uns chapeuzinhos de cobra de meio centímetro de altura.

"Vocês?" disse a meia voz para eles, "impossível".

Apago a luz e de novo me



1. Verticais e horizontais: Parte do oceano Experimente.

2. id id: Nome de pessoa

3. id id: Curso d'Água

URBANO SALLES, 2º ginas.)

saudam com seu suave tremelubir. "Vocês mesmo!" Esmago uns fungos e vejo que toda a massa é luminosa.

Com todo o cuidado guardo o meu tesouro. Muita água, sobre papel, pois a humanidade favorece a vitalidade destes funguezes.

Bem de madrugada, aos primeiros raios do sol, ví-me no mato. Visita mais demorada.

A casca pútrida e amarelenta da "árvore da luz" está cravejada de milhares destes fungos.

Semanas depois meu preclaro mestre Padre Rick classificava uma nova espécie de fungos luminosos, desconhecida até então, do mundo científico.

Quando Deus creou o mundo, disse: "Faça-se a LUZ!"

A luz maravilhosa do sol! A luz cintilante das estrelas?... e a luz suave e escondida desses miseráveis — e admiráveis — funguinhos a tremelubir na mata-virgem brasileira e a dizer-nos: DEUS FEZ A LUZ!

P. Alvin Bertoldo Braum



SOLUÇÃO AO N. 6

O físico conhece dois modos de aproveitar o fole:

1º — Põe o fole na popa do navio e manda tocar. O barquinho se movimentará na direção oposta. Os aviões de propulsão por jato se fundam neste método.

2º — Adapta os foles a uma roda de vento. Esta engrenada numa hélice...

## O Colégio vitoriou-se

Na tarde de 5 de setembro, na excelente cancha da Praça de Esportes, teve lugar a realização do propalado cotejo voleibolístico: Colégio Catarinense x Escola Industrial, em cumprimento ao programa esportivo-educacional da Semana da Pátria, promovido entre os educandários da cidade.

Pelejando com desdobrado ardor e denodo, a equipe do Colégio conseguiu abater seu poderoso antagonista pelo escore de 2 "sets" a 1, conquistando assim, uma vitória honrosa e brilhante.

Por 15 x 13, a Escola Industrial vence no primeiro período. Entretanto, reagindo com extremado ímpeto, os colegiais transformaram o "placard", triunfando por 15 x 13 no segundo e por 16 x 14 na derradeira fase.

Assim com seus grandes esforços, os seis colegialinos, vitoriano-se com reais méritos, souberam sobejamente honrar as tradições esportivas do nosso querido colégio.

A briosa equipe estava assim formada: Katcipis, Ivani e Casinho; Rubinho, Ernani e Walmir. A ela nossas efusivas felicitações.

Hélio Milton, 2º class.

## Biblioteca dos alunos externos (B. A. E.)

Doação: Recebemos do sr. Antônio A. Fontes o livro "Valor", por C. Wagner. Pendorados agradecimentos ao bondoso doador.

Aquisições: Secção A: A Força do Coração (Eric Knight); Combates e Coroas (José Spillmann). — Secção C: D. Vital (Jorge de Lima); A Primeira Dama da China (Helen Nicolay); A Aliança do Sim e do Não (Plínio Salgado); Silêncio (Tasso da Silveira).

## TÊNIS

Muito se tem falado sobre a origem do Tênis, do esporte da Sociedade, do esporte branco, mas bem pouco sabemos das suas origens reais. Entretanto o primeiro a jogar tênis parece ter sido o Major Wingfield, do exército inglês, pelo ano de 1873, quando servia nas Índias. Não estavam entretanto inteiramente definidas suas regras, pois dois anos depois foram modificadas pelo "Marylebone Club", de Londres, apesar dos protestos do inventor. A reforma do "Marylebone Club" foi por sua vez modificada, dois anos depois, pelo "All England Croquet and Lawn Tennis Club", que se encargou de dar um novo regulamento, o que foi feito por uma comissão, ficando pouco do jogo primitivo do Major Wingfield. Desde então a quadra tomou a forma de um paralelograma, cujas dimensões começaram a aproximar-se daquelas que hoje usamos. Um ano após, em 1878, os "Clubs Marylebone e All England" reuniram-se para revêr as regras e introduziram várias modificações. Foi em 1880 que o tênis tomou sua feição definitiva, quando se fundou a "Lawn Tennis Association" da Inglaterra, à qual depois os "Clubs Marylebone e All England" cederam os seus direitos. Esta "Association" reviu novamente as regras, editando as tão conhecidas "Revised Laws of Lawn Tennis", assim como um regulamento de torneios, intitulado "Regulation for the management of Lawn-Tennis price meeting", as quais, com pequenas modificações, ainda hoje vigoram.

Patrick Francis Fairon, 1º Cient.



LIGA S. LUÍZ